

CAPÍTULO 1

, porque ela me amava!

Atenção: luz... câmera... – cochichei. Depois gritei: – Açããããão!

– Chispa daqui, minino... Cê tá me atrapaiano! – berrou.

Antes mesmo que eu pensasse em vir ao mundo, um par de ásperas mãos zelava cada cantinho lá de casa. Mamãe gostava muito daquela senhora! Eu também. Isso porque a transformei no meu brinquedo predileto. Eu adorava importuná-la!

– Piqueno atrivido, devolve meu sapato...

Ela era negra. A negra mais negra dos arredores. Daí o apelido Preta. Meu pai dizia que o sorriso dela era farto e falto. Farto pelo contorno exagerado dos lábios; falto pelos poucos dentes que sobreviveram. Seis. Dois em cima e quatro embaixo. A sua gargalhada, porém, ecoava forte, gostosa e engraçada. Enchia a casa! Emendava um espirro a um rápido serrote:

– Tchiarrarrarrarra... tchiarrarrarrarrarrarra...

Além do mais, Preta revelava enorme habilidade na cozinha! Criava e decorava pratos de variados sabores e formas, misturando ingredientes que aparentemente não se combinavam, como repolho, abacaxi e maionese. Não é que ficavam deliciosos!

– Puw!

– Aaaara, que susto! Minino traquino...

Segundo ela, meus pais já foram muito pobres. Logo que se casaram, por exemplo, alugaram um dos cômodos de uma velha marcenaria para lhes servir de quarto, sala e cozinha. O banheiro jazia no quintal. Não possuíam geladeira nem televisor; apenas um armário e um guarda-roupa, feitos de caixas de uva. A mesa e o sofá foram presenteados pelos amigos marceneiros. O fogão de lenha, meu pai o improvisou no canto do muro. Toda noite, meu pai recolhia os toquinhos que sobravam na marcenaria para aquecer o banho de mamãe.

– Sua mãe era a mi-minha vida! – certa vez ele me disse com olhos de saudade.

Mesmo sob tanta escassez, meu pai não abria mão de assalariar Preta para que ela cuidasse de casa e principalmente de mamãe, enquanto ele se dedicava ao trabalho. Mamãe era portadora de talassemia, uma doença hereditária que afeta as estruturas e funções das hemácias. Por isso frequentemente ela estava anêmica e acamada; frequentemente recebia transfusões de sangue.

Duma noite para outra, os negócios de meu pai deslancharam, e embolsamos muito dinheiro. Então, pouco depois do meu aniversário de quatro anos, fomos morar em um sobrado. Por causa do seu tamanho e do aspecto envelhecido das suas telhas, a cidade o chamava Casarão.

O Casarão possuía dois pavimentos. No andar superior ficavam a suíte e o escritório de meu pai, uma adega, a minha suíte, uma miniacademia e uma grande sala íntima, que apelidamos facilmente de Salona. No térreo foram feitas outras três salas, dois banheiros, a copa, a cozinha (com área de serviço) e o quatinho de Preta, o qual restara atrás da casa. O armário da cozinha exibia, em uma das paredes, oito portas iguais, mas a última dava na despensa.

O quintal também se mostrava espaçoso. Moravam no seu gramado algumas fruteiras, uma piscina, uma sauna, uma pista de aerodelos e o parque de diversões, construído exclusivamente para mim. Esse parque continha escorregador, balanço, cama elástica, o labirinto de pedras e tanque de areia.

Apenas meu pai, eu e Preta desfrutávamos aquela casa.

– Larguissai, sô... Qué machucá?

Quadros vários decoravam as paredes do Casarão. Havia cópias de pinturas famosas nelas, como *Rose Méditative*, de Dalí, e *Vase de Fleurs à la Fenêtre*, de Gauguin, além de outros quadros sem cor, sem vida, tristes. Meu pai era apaixonado por todos! Às vezes, os seus olhos se perdiam estáticos em uma obra por um longo, longo tempo... quase sem piscar. Viajando pelas trilhas e sombras da arte... Degustando talvez o mesmo sabor que sentiu aquele que eternizou na tela os seus sublimes traços.

Visivelmente, uma das pinturas era a mais querida de meu pai! Pintada por ele mesmo, ficava no seu quarto – a única do quarto: um retrato lindo de mamãe! Cabelos soltos, batom discreto, olhar distante... Segundo meu pai, o quadro fora pintado enquanto ela escrevia. Mamãe era poetisa.

“Antes de dizer que ama
como é uso popular
dê razões para quem ouve
realmente acreditar!”

Esculpido na moldura do quadro. Palavras de mamãe.

Não a conheci. Ela morreu durante o parto em que nasci. Disseram-me que meu pai ficou profundamente abalado por anos! Além disso, voltou a apresentar os tiques e a gaguez que tivera na infância. Nunca mais pintou um quadro sequer e isolou-se de quase todos os seus amigos também. Quando nos mudamos para o Casarão, meu pai ajuntou os pertences da amada e os trancou na despensa, onde ninguém podia entrar.

– Êêêêta! Cê vai deitá nas almufada moiado assim?

Meu pai era um homem de baixa estatura, pouco sorriso e nenhuma paciência. Típico negociante, saía de casa antes de o galo se espreguiçar e voltava somente quando a noite já estava no céu. Para me alegrar, enchia-me de presentes e deixava-me dormir junto dele nas raras vezes em que não levava nenhuma namorada para casa – eis a razão por que eu detestava aquelas mulheres! Desde que mamãe morreu, nunca mais ele quis saber de relacionamentos duradouros.

– Não quero so-sofrer tudo de novo! – justificava, referindo-se à morte trágica da esposa.

– Por que o sinhô num busca força em Deus? – Preta um dia lhe aconselhou.

– deus? deus não existe. Ninguém vê tanto so-so-sofrimento como o meu e fica de b-braços cruzados – disparou, enraivecido.

Como ele não permanecia em casa durante o dia, tive que colecionar passatempos para me distrair. Apreciava ler, redigir histórias de aventura, jogar *videogame*, nadar, registrar bobagens na minha filmadora e brincar no parque. Nos intervalos, eu gastava o tempo irritando Preta; afinal, ela era a minha única companhia.

– Socê fizé de novo, eu vô contá pro seu pai! – vivia repetindo, mas nunca contava. Então eu fazia de novo.

Outra diversão que me fascinava eram os programas da tevê a cabo. Por causa deles, todo dia eu escolhia uma profissão para mim.

Quando mostravam o espaço, eu virava um astronauta. A minha nave cósmica, projetada e construída pelo comandante da expedição, ficava no quintal. Ela era de papelão.

Quando exibiam as aventuras dos animais no *Discovery Channel*, eu preferia ser veterinário. “Por que alguns sapos fecham os olhos para engolir o alimento?”; “Como os vaga-lumes produzem luz e os camaleões mudam de cor?” Eu sabia bem. Aliás, a minha memória armazenava uma coleção de curiosidades sobre dezenas de animais, embora só tenhamos tido um peixinho dourado. Mas ele morreu logo. Meu pai não gostava de bichos.

Às vezes, eu optava pela medicina, após as emergências do *Plantão Médico*. Essa eu exercia com dedicação! Entre os meus brinquedos preferidos, havia dois bonecos grandes e um pequeno que eram operados e reanimados repetidamente por mim em uma sala cirúrgica que improvisei no meu *closet*. Escolhi esse local porque era silencioso e porque dispunha de uma luminária que emitia luz branca bem forte: o meu foco cirúrgico.

– Desfibrador... bridor... lador, enfermeira – pedia eu a uma cadeira, que eu vestira de mulher.

Por vezes, já me aventurei a cientista. Adorava o Professor Beakman e os seus loucos experimentos! Bastavam-me alguns materiais, e as ideias voavam...! Uma das minhas primeiras invenções foi um foguete de garrafa de plástico, no qual eu introduzia ar com uma bomba de encher bola. Palmas surgiam quando ele expulsava a sua rolha e viajava até o teto. Foi assim que ganhei a minha primeira medalha na Feira de Ciências do colégio. Nada mal para um garoto de sete anos. Pena meu pai não ter ido me ver...

Essas eram as minhas profissões frequentes, mas até ninja e caçador de fantasmas eu já fui.

Em alguns finais de semana, meu pai brincava comigo. Ele era aficionado aos seus aviõezinhos de controle remoto. Dois perderam a vida nas águas da piscina.

Jamais levei colegas da escola para a nossa casa. Também não me lembro de nenhum parente por lá. Aliás, quando pequenino não conheci ninguém da família fora meu pai. Ele alegava que eram todos aproveitadores.

– Nunca ligaram quando a gente era po-pobre, quando a gente passava falta das coisas... Não va-vai ser agora!

– Por que o sinhô num perdoa eles? – Preta um dia lhe recomendou. – Deus ia ficar feliz cum sinhô...

– deus? deus não existe. É p-p-pura invenção dos fracos – afirmou meu pai, persuadido.

Conforme ele, o único que também podia usufruir o seu dinheiro era eu. Como aproveitei! Bastava lhe pedir algo, e ele o comprava para mim. Talvez pensasse que isso substituiria a sua ausência. Do lado do parque, por exemplo, havia mesas de pedra para refeições em família. Meu pai as derrubou e ergueu um amplo quarto de brinquedos no local. Aquele quarto guardava mais brinquedos do que qualquer loja da cidade – e eram todos meus!

De resto, dois mistérios me aturdiavam. Primeiro: como meu pai conseguia tanto dinheiro nos negócios. Vários dos meus colegas de classe também tinham pais comerciantes, mas nem um destes era rico. Segundo: por que meu pai nunca me deixava entrar na despensa. Eu queria tanto ver as fotos, as roupas e as poesias de mamãe! Desde os quatro anos de idade, cresci com a sensação de que ela estava lá dentro. Acho que isso acontecia porque eu presenciava os meus amigos chegarem ao colégio com as suas mães... Elas arrumavam os seus cabelos, punham a mochila nas suas costas e os beijavam com beijos de “boa aula!”. Como eu sonhava em ter a minha mãe também! Por isso, todas as noites, antes de ir para a cama, eu descia sorratamente até a cozinha, aproximava-me da porta da despensa e cochichava:

– Boa noite, mamãe...

Em seguida, encostava a orelha na porta e fingia que ouvia uma voz suave me respondendo:

“Boa noite, filhinho... A mamãe te ama muito!”.

Então eu subia para o meu quarto e dormia feliz, porque ela me amava!